

a multidão a assumir os sentidos que se constroem pela entonação irresistivelmente volúvel da frase "Brutus é um homem honrado". Tal recurso possibilita que, a cada emissão, novos sentidos se somem aos outros antes produzidos, delineando-se a significação desejada através de matizes e pinceladas de ironia.

Em seu conjunto, os artigos revelam o trabalho de um grupo que se tem dedicado, na FALE, UFMG, à pesquisa da ironia na literatura, mostrando, muitas vezes, que as armas eficazes da ironia atingem, a cada momento, alvos inusitados que podem estar fora da mira do autor ou do narrador, cegados talvez pelo desejo de prender, num campo de tiro delineado, os sentidos detonados por suas armas poderosas. Ou quase.

Maria Nazareth Soares Fonseca

**LAKOFF, George & TURNER, Mark.** *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor.* Chicago, London: Chicago University Press, 1989.

George Lakoff está de volta às metáforas, agora em parceria com Mark Turner. Seu livro anterior, *Metaphors we Live by*, em co-autoria com Mark Johnson, inspirou uma série de trabalhos de intelectuais brasi-

leiros. A idéia de que as metáforas são componentes da linguagem cotidiana que reflete a própria estruturação do pensamento é a mola mestra dessa nova visão da metáfora. Segundo a teoria de Lakoff e Johnson toda a realidade é percebida de maneira metafórica. Assim a argumentação, por exemplo, é concebida em termos de guerra no momento em que nosso interlocutor é visto como um inimigo que temos que vencer, procurando derrubar seus argumentos, atacar suas idéias, etc.

More than Cool Reasons se propõe a analisar o papel das metáforas poéticas. No prefácio os autores explicam que os grandes poetas se utilizam dos mesmos instrumentos lingüísticos que as pessoas comuns, mas o que os torna diferentes é o talento e a habilidade para usar tais instrumentos. A metáfora é um recurso lingüístico usado de forma inconsciente por todos os falantes e os grandes poetas só podem se comunicar conosco porque se utilizam de formas de pensamento comuns a todos os seres humanos.

Lakoff e Turner afirmam que para entender a criatividade poética é necessário entender as formas comuns de pensamento.

Considero os dois primeiros capítulos, "Life, Death, and Time" e "The power of Poetic Metaphor" como os mais importantes. No primeiro capítulo são discutidas as metáforas usadas para se falar de vida, morte e tempo. Segundo os autores, nós

concebemos nascimento, vida e morte através de uma metáfora genérica na qual o nascimento é a chegada, a vida é estar presente aqui e a morte é a partida. Assim quando alguém morre nós dizemos que a pessoa partiu, nos deixou, foi tirada de nós, não está mais entre nós, etc. Outras metáforas genéricas também fazem parte de nosso sistema cognitivo para nos ajudar a entender esses conceitos abstratos: "pessoas são plantas", "a vida tem a duração de um dia", "a vida tem a duração de um ano", "a morte é inverno", "a vida é uma viagem", "a vida é um jogo", etc, etc. O que faz o poeta a partir dessas metáforas genéricas? Ele cria variações da mesma metáfora, trabalhando-as artisticamente. Vários exemplos são apresentados para comprovar a hipótese. Dante, por exemplo, diz na *Divina Comédia*: No meio da estrada da vida, encontrel-me em uma floresta escura". Segundo os autores "nós entendemos, em função da metáfora A VIDA É UMA VIAGEM, que em alguma época durante a maturidade, o falante se sentiu perdido". Isto é, sem um objetivo claro na vida ou um caminho claro para alcançar seu objetivo.

Quanto a metáforas para tempo, os autores listam, entre outras, "o tempo é um ladrão", "o tempo é um transformador", "o tempo é um destruidor", etc. Vários versos, dos gregos aos autores modernos, são fornecidos para comprovar a existência dessas metáforas.

O segundo capítulo discute o poder da metáfora poética a partir do estudo de sua natureza e analisa recursos poéticos como personificação e metonímia. Segundo Lakoff e Turner, "o pensamento poético usa os mecanismos do pensamento comum, mas ao extêndê-los, elaborá-los e combiná-los, consegue ultrapassar os limites da linguagem comum. A última parte desse capítulo é dedicada à discussão de visões tradicionais da metáfora que entram em conflito com a teoria dos autores. Todas as teorias apresentadas vêem a metáfora como um fenômeno da linguagem enquanto os autores advogam que "a metáfora é um fenômeno conceptual, freqüentemente inconsciente, e que as metáforas conceituais fundamentam tanto a linguagem comum quanto a poética".

O terceiro capítulo analisa a estrutura metafórica do poema "The Jasmine Lightness of the Moon" e o quarto se dedica ao estudo de mecanismos poéticos que são usados nos provérbios.

Na conclusão, os autores dizem que para entender a metáfora poética devemos entender as metáforas convencionais e acusam a tradição ocidental de ter excluído a metáfora do domínio da razão, "relegando a poesia e a arte para a periferia da vida intelectual". O presente trabalho, ao fazer um estudo científico da linguagem e do pensamento, é uma contribuição para se tentar mudar este aspecto da tradição ocidental. O vilão desta história, segundo eles, é a "teoria do

sentido literal", que por dois milênios atribuiu à metáfora um papel meramente ornamental no trabalho dos poetas, trabalho este visto como algo alienado da vida diária. Os autores acreditam ter comprovado que "ao contrário, a metáfora poética, longe de ser ornamental, lida com aspectos centrais e indispensáveis do nosso sistema conceptual". Eles concluem que "os poetas podem recorrer às metáforas no nosso dia a dia para nos levar além delas, nos tornar mais perspicazes do que seríamos se pensássemos apenas através de modelos padronizados".

Acredito que essa nova contribuição de George Lakoff, da mesma forma que inspirou inúmeros trabalhos na área lingüística, especialmente na área da análise do discurso, venha agora servir de suporte a trabalhos na área dos estudos literários.

Vera Menezes

**SENRA, Angela. *Paixão e fé - Os Sinos da Agonia* de Autran Dourado.**  
Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1992.

Teoria e prática textual, assim podemos definir em linhas gerais o texto de Angela Senra. Por entre discursos da crítica, um é escolhido: a crítica intertextual. Assim, a autora caminha com desenvoltura, reabilitando conceitos e

desconstruindo-os a um só tempo.

Barthes - lembranças do discurso do velho mestre, ou o que ficou de Barthes no coração de Angela. No coração, memória e coragem que se vai rastreando na crítica-escritura.

Como separar leitura/escritura? Teórica e praticamente mostrada essa elisão, a autora trilha a narrativa de Autran Dourado. Um texto crítico que se sabe arqueologia. Intertextualmente sendo construído trecho a trecho, detalhe por detalhe, significante por significante, a cada título, a cada capítulo do romance.

Seduzida radicalmente pelo texto de Autran, Angela-texto procura no texto - Sinos da Agonia, as significações, mesmo sabendo da perda, do *fading*, que o desejo incita. Partindo desse jogo, outros jogos são armados: colar, cortar, recortar o texto. Citando, porque re-citando. Texto-labirinto. Labirinto que, no brincar mostra/esconde os enigmas, os sentidos, diante de nosso ler, diz a narrativa.

Não diz o um, Autran, diz o múltiplo: Milton Nascimento, Nelson Angelo, Fernando Brant, Tavinho Moura, Lô e Márcio Borges, Ronaldo Bastos, muitas vezes orquestrando essa paixão, essa fé polifonicamente.

Pitadas da História na Literatura. Entre a História e o mito a autora nos remete à crise dos paradigmas e nos engendra prazerosamente na leitura de prazer/leitura de gozo. Relações, pequenos pedaços dos